

CAPÍTULO 4

A GÊNESE E IMPORTÂNCIA DA ESCRITA NA ACADEMIA

MIRANILDE OLIVEIRA NEVES

A cada ano, nota-se uma crescente preocupação em relação ao ensino-aprendizagem de produções textuais, apesar disso, as dificuldades de produção continuam tanto nas escolas de nível fundamental e médio quanto nas instituições de ensino superior.

São raros os acadêmicos (calouros) que se expressam com segurança e apresentam uma linguagem clara e coesa ao escrever e esta situação precisa mudar, afinal, o que se espera ao término de uma graduação, é que, no mínimo, os estudantes captem a arte da dialética e consigam alcançar a expressividade necessária para a adequada compreensão de seus textos.

Antes de iniciar os estudos acadêmicos, a decepção já é crescente: o número de notas zero em provas de processos seletivos é cada vez mais alarmante e diante de toda essa situação, o professor se questiona: o que falta? O que precisa ser feito? Onde o discente errou ou quem errou fui eu?

O certo é que as dificuldades não podem continuar. Algo tem que ser feito e a medida a ser tomada pede urgência. Há muito a ser questionado e mais a ser resolvido. As Instituições de Ensino Superior necessitam mostrar ao acadêmico a importância da leitura, do português padrão e, além disso, têm o papel de esclarecer ao estudante a poderosa arma que este tem em mãos quando é capaz de se expressar bem.

Mattoso Câmara Junior sabiamente afirmou: “O homem é apenas metade de si mesmo; a outra metade é a sua expressão.” (CÂMARA JÚNIOR, 2005, p.164). Esta afirmação nos leva a refletir sobre a importância de falar e escrever bem e o que comprovamos no dia a dia é

exatamente isso: quem não sabe se expressar, perde as melhores oportunidades.

É inconcebível que futuros engenheiros, gestores, letrados ou estudantes de qualquer outra área saiam da Universidade sem conhecer e praticar a construção de textos coesos e coerentes. As situações cotidianas pedem concisão e essa concisão deve fazer parte da escritura de textos dos acadêmicos.

A análise de todas as situações citadas acima permitiu o surgimento do desenvolvimento do tema em questão. Os elementos que levam à qualidade de um bom texto terão um tratamento especial nesta reflexão e, assim, pretende-se que ele contribua para o adequado desempenho da construção textual de muitos acadêmicos.

A partir de observações e reflexões a respeito da produção textual escrita dos estudantes universitários, durante os anos de ministração de aulas, das intervenções pedagógicas já realizadas, no sentido de identificar os problemas relacionados à construção da aprendizagem, apropriação da prática da língua escrita, principalmente dos gêneros resenha, projeto de pesquisa e artigo científico – próprios do ambiente acadêmico – este texto se propõe a discutir e construir reflexivamente com os leitores algumas estratégias de auxílio nessa construção.

Ao longo de nossa reflexão, notar-se-á que são muitos os fatores que interferem na clareza e objetividade de um texto, mas que existem diversas estratégias que podem contribuir para uma transformação significativa nesse processo e conhecer um pouco da história da escrita é um dos passos que contribuirá para isso.

Evolução histórica da escrita: um breve olhar

A aquisição da língua escrita deu-se gradativamente. Inicialmente, o homem, para transmitir suas ideias por escrito, fez uso do símbolo, que evoluiu com o passar dos anos. Foi longo o trajeto de objetos com valores simbólicos, desenhos representando fatos da natureza, até chegar à escrita alfabética.

Historicamente, o primeiro uso da escrita surgiu da necessidade de se controlar quantidades (rebanhos ou colheitas). Fazia-se isso por meio de impressões em argila ou de talhos em cajados. (CAGLIARI, 2007).

Figura 1 - Placa de barro com escrita cuneiforme dos sumérios



Fonte:

<https://historiagondi72017.blogspot.com/2016/10/escrita-sumeria.html>, 2019.

Estudiosos do assunto supõem que pela necessidade de superar as limitações pertinentes à comunicação oral (pois com o tempo o que falamos desaparece) e por haver necessidade de tornar a comunicação duradoura no tempo e no espaço, foram criados os sistemas de escrita (ideogramas, que, aos poucos, passaram a pictogramas, até chegar à escrita). Dentre esses sistemas, há um que merece relevada importância – a leitura. À medida que se necessitava

explicar a mensagem contida nos desenhos, foi-se gerando o primeiro ato de leitura. A partir desse momento, o desenho deixa de ser uma mera figura gráfica para se tornar uma representação da linguagem. É nesse contexto que os sistemas de escrita (com o objetivo de facilitar a leitura) alcançam uma evolução. Os símbolos, portanto, constituem a mais antiga manifestação escrita, produzida com a intenção de leitura.

Os pictogramas são outra manifestação de escrita e se realizam através de desenhos figurativos que representavam unidade de escrita. Ao contrário dos símbolos que representavam elementos da natureza, os pictogramas representavam palavras.

Originalmente, a escrita estava centrada no significado, por isso dizer que era um sistema ideográfico. Assim, se queriam dizer, por exemplo: árvore, barco, por



exemplo, escrevia-se dessa forma

Os sistemas ideográficos foram criados antes do fonográfico, em ocasiões históricas distintas, por várias nações, com alto grau de civilização para a época. Ao que tudo indica, porém, durante esse percurso, eles se transformaram de ideográficos para fonográficos. Logo no início, a escrita ideográfica não representava palavras, mas textos completos, por isso houve necessidade de representar unidades menores de escrita.

Aos poucos, a palavra foi dominando o sistema ideográfico e foi assim que surgiram ideogramas diferentes para as diversas palavras que tinham que ser escritas. Diante disso, surgiram várias estratégias de representação, como por exemplo, a estratégia que abandonava a base significativa do sistema ideográfico e que adotou os ideogramas que já existiam, aproveitando apenas a sua relação com os sons da fala. Se em um sistema ideográfico “x” em que (pé, olho, inseto e mar) significam pé, olho, inseto e mar, respectivamente, o conjunto de ideogramas (pé, olho) pode ser facilmente lido “piolho”, pois nessa língua não existe “péolho.” (CAGLIARI, 2009). Esse caso dá origem a muitos outros.

Com os desenhos de pé e mar, por exemplo, pode-se ler “pomar”. Nota-se, portanto, que os ideogramas vão perdendo o caráter ideográfico e adquirindo valor fonético, assim passou-se a transcrever os sons da fala.

Nessa evolução da escrita, a fonografia teve grande importância, visto que por meio do signo gráfico é que se representa uma unidade linguística não-significativa, um fonema ou grupos de fonemas. No primeiro caso, a referência que se faz é ao sistema alfabético de escrita do qual o português é um exemplo; no segundo, o sistema silábico ou silabário, do qual uma das escritas do japonês é representativa.

Por meio dos exemplos aqui apresentados não é difícil de observar que a evolução do sistema ideográfico para fonográfico foi possível a partir do momento em que se constatou a possibilidade de representar as características sonoras da língua. Desde então, o uso de diferentes unidades sonoras da fala permitiu o surgimento da escrita alfabética.

Quando, porém surgiu a escrita, juntamente com ela, não surgiram as normas ortográficas. Historiadores afirmam que até o século IV a.C, a escrita era bastante desorganizada. Segundo o linguista Flávio Di Giorgi, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, os textos nos primeiros séculos tinham que ser interpretados.

Acredita-se que na antiguidade, a ausência da pontuação adequada proporcionava, inclusive, a morte – devido à falta de interpretação adequada. Este era o caso de quem se dirigia à guerra. Os primeiros sinais de pontuação possuíam função diferente das atuais. O que chamamos de ponto final hoje, por exemplo, era utilizado para separar palavras, ou seja, o espaço em branco entre palavras. No decorrer do tempo, outros sinais foram surgindo. E com isso, o valor da pontuação ficou mais nítido e assumiu maior importância na construção de textos escritos.

Portanto, a origem da escrita data de uma época bem remota, quando os homens da pré-história faziam desenhos nas paredes das cavernas e desenhavam tudo aquilo que estava à sua volta: animais, homens,

arco, flecha etc. O que permite inferir que, aos poucos, as figuras passaram por um processo de evolução e se transformaram em símbolos, e foi neste momento que surgiram os ideogramas.

É importante ressaltar que ainda hoje os ideogramas chineses são usados em vários países do continente asiático. Outro fato importante para o desenvolvimento da escrita foi o primeiro alfabeto criado pelos fenícios no século XIII a.C. Mais tarde, os gregos introduziam as letras vogais e seu sistema deu origem a diversos alfabetos.

O estudo das línguas escritas proporciona muitas descobertas, alguns estudantes não sabem, por exemplo, que existem línguas que são escritas em mais de um alfabeto, como é o caso do servo-croata (Iugoslávia). Os japoneses e os coreanos, por sua vez, utilizam dois sistemas combinados: um ideográfico e outro fonético (cada letra representa uma sílaba) (GREENBERG, 2008).

Atualmente, o alfabeto mais utilizado é o romano, composto por 26 letras. Nele cada letra representa um som, entretanto, torna-se necessário combinar as letras para se obter a reprodução dos sons usados na língua falada. As variações da escrita alfabética deram origem à instituição das convenções ortográficas, regulamentação imposta ao uso dos símbolos.

Quando os indivíduos passaram a escrever a fala, foi-se observando que havia variação de palavras, um escrevia de uma forma, outro de outra. Desse modo, ficou constatado que havia diferença dialetal entre os usuários da língua. Assim, a escrita alfabética tornou-se tão idiossincrática e variável que passou a dificultar a leitura aos não-falantes da variedade transcrita fonologicamente.

Logo, foi para solucionar as dificuldades causadas por essas variações que surgiu a convenção ortográfica. Assim, foi adotada uma forma fixa para cada palavra. É por isso que hoje temos que obedecer a certas normas para escrever, pois se cada um

desejasse escrever como considerasse melhor, ninguém seria compreendido.

A importância da escrita: desafios a enfrentar

Escrever não é tarefa fácil e escrever com qualidade menos ainda. Mas é inegável que aquele que consegue se expressar bem, tem o poder em suas mãos. Hoje, porém, muitos já não se importam se estão ou não escrevendo corretamente. Isso se deve, entre outros meios, ao mau uso da *Internet*. Alguns estudantes não querem “pensar”, relacionar ideias, tirar as próprias conclusões e passam a copiar e colar textos de terceiros. Isso é bastante prejudicial, pois o estudante perde a autonomia de um processo do qual poderia ser o condutor.

Indubitavelmente, quando se oferece facilidade e rapidez, a juventude, em especial, não pensa duas vezes, escolhe o caminho que permite “menor esforço e sacrifício”. O resultado de tudo isso, entretanto, é assustador: alunos que concluem o ensino médio chegam a tirar nota 0 (zero) em processos seletivos. Em 2018, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM apresentou um dos menores índices de nota 0 (zero): 112.559. (BRASIL, 2018) – É uma questão para ser pensada e questionada.

Até um neologismo já foi criado: o *internetês* - corresponde à forma de escrever do internauta. A internet trouxe uma revolução no comportamento, relacionamento e linguajar das pessoas. É uma ferramenta prodigiosa – se for bem utilizada. Mas hoje, muitos já não têm domínio sobre o que escrevem ou leem, pois seguem apenas aos comandos da “Net”. O fato de usar poucos caracteres em mensagens celulares ou em e-mails, faz com que aos poucos a gramática da língua seja esquecida.

O interessante é que se formos analisar, vamos verificar que na Roma Antiga, as abreviações já eram debatidas e chegaram a ser censuradas pelo imperador

Justiniano. Os textos clássicos também usavam bastante abreviação. Observa-se, assim, que o desejo de abreviar já é bem antigo. O problema, entretanto, está no descaso às regras gramaticais que posteriormente contribuirão para a clareza do texto.

No meio estudantil, na atualidade, está difícil encontrar um aluno que saiba argumentar, ter uma visão crítica a respeito de temas que o cercam, refletir e tirar suas próprias conclusões. Costumo dizer que o mundo virtual tem “desvirtuado” a escrita de alguns estudantes. Hoje são poucos os que recolhem seus cadernos para fazer os exercícios, leem um bom livro ou fazem comentários inteligentes a respeito de algum filme ou uma notícia jornalística.

É válido ressaltar que não se está discriminando aqui nenhum usuário, apenas pretende-se chamar a atenção para um fato que poderá trazer prejuízos futuros, como é o caso dos alunos que prestam concurso público e escrevem as abreviações comumente usadas na *internet*.

Uma observação que se deve fazer aqui é em relação à grafia, pois o internetês não é uma linguagem e sim uma grafia. Trata-se, simplesmente, de aspectos da escrita, utilizados em *e-mails*, em *chats*, *blogs*, *redes sociais*... Talvez, principalmente em *chats*, que são “conversas” escritas que grupos mantêm entre si. São abreviações do tipo: kbça por cabeça, vc por você, flw por falou, xamar por chamar, gnt por gente e assim por diante. (POSSENTI: 2009).

Além do internetês, há o problema de falta de leitura e prática de escrita. Muitos jovens consideram que ler um bom livro é perder tempo. Acreditam que é difícil interpretar uma metáfora e não se esforçam, no mínimo, para discernir qualquer termo ou expressão metafórica que se apresente para ele.

A linguagem coloquial, comumente utilizada por eles, também é difícil de ser abandonada quando se transfere a fala para a escrita. Isso se deve à espontaneidade que a língua oral oferece; nela, não há preocupação com pontuação, acentuação, ortografia,

pois o interlocutor está ali, à sua frente e dispensa tais cuidados.

A escrita é extremamente exigente. Mas para nossos alunos, na verdade, o que eles precisam aprender de imediato é pensar, só assim, encontrarão ideias e passarão a concatená-las. Ninguém pode oferecer o que não tem. É essa a dificuldade de quem não quer pensar, ler, para posteriormente escrever.

Há ainda os que preferem utilizar as gírias, propositalmente, para não ser compreendidos por seus pais ou outra pessoa qualquer. Alguns, quando querem convidar um amigo para almoçar dizem: “Vamos bater uma xepa?”, até o namorar, que certos adolescentes trocam por “ficar”, já mudou de nome, agora é: catar, o fofoqueiro passou a ser isqueirinho. Enfim, são tantas gírias que o português padrão está perdendo espaço. Resta-nos o desafio: o que fazer para escrever bem?

Uma recente pesquisa do SAEB – Sistema Nacional da Educação Básica mostrou que o nível dos alunos quase não muda da 4ª a 8ª série. A pesquisa avaliou 3.306.378 estudantes de 40 mil escolas públicas em 5.398 municípios. A maior parte dos alunos de 8ª série não conseguiu ao menos entender uma história em quadrinhos ou compreender um texto argumentativo com linguagem formal.

O que se pode depreender de tudo isso é que o desafio está dentro das salas de aula. O professor de Língua Portuguesa não é o único responsável, mas esta é uma causa a ser vencida com apoio dos pais, professores de qualquer área e, principalmente, dos estudantes. Está faltando a garra, a força de vontade de melhorar, de crescer com os erros. Hoje, para se fazer uma atividade em classe é necessário que esta valha alguma pontuação. Isso é um verdadeiro absurdo. O desafio está proposto, mas sem leitura e prática de produção, escrever continuará a ser um elemento dificultador no processo de construção textual, visto que escrever bem é ter a capacidade de expressar ideias com clareza, rapidez e persuasão e tudo isso, sem esforço e leitura de nada adiantará.

A construção de textos no Ensino Superior

Dentre os vários autores que respaldam este capítulo, adotou-se reflexões pautadas nas obras: Manual de expressão oral e escrita, de Joaquim Mattoso Câmara Junior e Prática de textos para estudantes universitários, de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza.

No livro: “**Manual de expressão oral e escrita**”, Mattoso desvenda alguns mitos que os estudantes dos diversos níveis e modalidades de ensino manifestam em seus textos quando é solicitada alguma produção, seja ela oral ou escrita. O autor expõe claramente que ainda há estudantes que têm uma tendência a escrever da forma como falam, mas o importante é que Mattoso não aponta apenas os problemas, mas apresenta possíveis soluções visando a uma escrita de qualidade.

No decorrer de todo o livro, Mattoso demonstra a importância que o estudante deve dar à escritura de um texto, pois uma produção escrita exige uma preocupação bem maior que a produção oral, visto que o interlocutor não está presente e é a ausência do interlocutor que exige maior esforço em esclarecer aquilo que se pretende escrever. O referido autor construiu sua obra de maneira ampla e didática, permitindo aos estudantes um conhecimento maior a respeito das regras básicas da língua escrita como: ortografia, correção da linguagem, redação, dentre outros itens essenciais para uma boa produção.

Todo estudante, seja universitário ou não, precisa aprender uma lição significativa: a linguagem é importante por estar integrada à nossa vida e a cada dia deveremos estar prontos para aprender cada vez mais. Bakhtin corrobora as teorias de Mattoso, pois “Os indivíduos não recebem a Língua pronta para ser usada; penetram na corrente da comunicação verbal [...]. Os sujeitos não adquirem a língua materna, é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência.” (Bakhtin: 2006, 109).

O trecho acima deixa nítido que ninguém precisa se opor à escrita ou mesmo às regras que esta propõe, pois constantemente estamos aprendendo e é a busca por novos conhecimentos que irá permitir as grandes descobertas, que certamente contribuirão para um aprendizado mais consistente da língua, afinal, quem não ler, não conhece e quem não procura, jamais encontrará. Os estudantes precisam ter sensibilização para perceber que a prática da escrita permitirá a eles uma visão de mundo mais abrangente e ainda colaborará para que estes se expressem com mais ênfase e segurança em qualquer ambiente.

Produções textuais acadêmicas

Considerando o texto como um momento único de construção é importante descrevê-lo e analisá-lo com o objetivo de identificar os aspectos da linguagem oral, bem como desvios gramaticais e ortográficos, presentes na produção escrita, porém toda essa análise deverá ser realizada sem desconsiderar o crescimento social e a formação de ser pensante do estudante, pois o que ocorre, muitas vezes, nas aulas de produção textual, por exemplo, tanto nas escolas da rede pública ou da rede particular de ensino (antes que o aluno adentre em uma faculdade), é a preocupação dos professores em transmitir um limitado número de regras e “macetes”, que acreditam seus transmissores conferirem ao aluno, a garantia de aprovação no vestibular, sem, contudo, preocuparem-se com o crescimento, tanto intelectual quanto social do futuro acadêmico.

A partir do levantamento de todas estas questões, pode-se afirmar que uma das possíveis alternativas é a ministração de aulas de produção textual escrita visando ao aprimoramento do texto científico, o que permitirá aos participantes observarem a condição atual de seus textos e apresentar a melhor saída para que os textos se tornem claros e coesos. Faraco e Tezza nos alertam para a importância de valorizar os contextos e sentidos do texto e também defendem a ideia de que “[...] todos nós somos

‘processadores de significado’ em praticamente todos os momentos da vida.” (2008, p.39).

A partir da análise das produções textuais, ao longo de duas décadas de trabalho, constatou-se a dificuldade que muitos alunos ainda encontram ao redigir um texto. Verificou-se que as dúvidas são constantes. Miriam Lemle ao referir-se ao assunto diz que o que faz com que o aluno escreva da forma como fala é a ausência de conhecimento das normas regentes da oralidade e da escrita. (LEMLE: 1994). O tempo e a experiência revelam que os estudantes apresentam, dentre outras dificuldades, falta de coesão textual em suas produções, ausência de coerência nos mais diversos níveis e tais fatores prejudicam a clareza e concisão do texto – duas qualidades primordiais quando o assunto é a busca por uma escrita que traduza ao leitor a mensagem a que se propõe.

Não apenas as qualidades textuais coesão e coerência estão ausentes em muitas redações, há também falta de acentuação – elemento este não utilizado no texto da maior parte dos estudantes, o que acarreta mudança de sentido daquilo que se almeja exprimir. Aqui está um fato digno de reflexão por parte do autor de qualquer gênero escrito. É preciso haver um questionamento: é compreensível o que escrevi? A falta do acento não representou mudança de sentido em meu texto? Essa análise também precisa ser feita quando o assunto é pontuação, já que pontuar exige cautela e organização de ideias. É lastimável que alguns estudantes ainda se baseiem apenas nas normas gramaticais para pontuar, quando, na verdade, poderiam pontuar por necessidade da clareza da mensagem, exposição adequada de ideias, compreensão do contexto – esta seria a pontuação ideal.

É válido lembrar de que uma avaliação sobre a própria condição de autor constitui outro fator que pode ajudar no processo de construção de textos; permitir uma reflexão sobre a importância do papel da leitura para a formação de um leitor e redator competente também é papel da escola na formação escolar. Deixar que os estudantes expressem, oralmente, suas angústias na construção dos textos, pontos fortes, dificuldades, dentre

outras questões são fundamentais para a superação do medo de escrever e encarar o papel. Compreender os diferentes contextos de produção também é uma ferramenta importante nesse processo, afinal, às vezes, só captando o que está nas entrelinhas se chegará a um fim plausível nessa luta com as palavras.

Ler bastante, entender a importância da contextualização na transmissão de uma mensagem, seja ela oral ou escrita, saber que a falta de um simples conectivo poderá acarretar a mudança de sentido e posteriormente de comportamento por parte de seu interlocutor, são informações que trarão mais atenção ao produtor de textos.

Para conhecer as principais dificuldades dos acadêmicos, observe o quadro abaixo:

Quadro1 – Dificuldades comuns em textos de estudantes universitários

EXEMPLOS DE DIFICULDADES RELACIONADAS À FALTA DE COESÃO	POR QUE OCORREM	COMO MELHORAR
<p><i>O Nome da Rosa trata extremamente, a séria questão da oposição...</i></p>	<p>O vocábulo “trata” e também advérbio de modo “extremamente” foram empregados inadequadamente e isso gerou uma falta de clareza, pois quem trata, trata de algo e o advérbio utilizado não tem nenhuma função importante nessa frase, já que o papel de um advérbio é contribuir para o sentido adequado ou para reforçar outro advérbio, um adjetivo ou um verbo. Apesar de <i>tratar</i> ser verbo este lugar não foi reservado para ele.</p>	<p>O nome da Rosa refere-se à..., diz respeito à... claramente a questão... Estas são apenas algumas sugestões, mas com a prática da leitura, o estudante poderá ampliar as possibilidades</p>

		de uma escrita qualitativa.
<i>Piaget considera a aprendizagem como provocada por situações...</i>	Um assunto para o qual a maior parte dos estudantes e em alguns casos professores não manifestam a devida atenção é o estudo das orações subordinadas. O que ocorreu na frase em análise foi a falta do conectivo que e esta falta fez com que o texto se tornasse mais coloquial. Para deixar a situação mais agravante foi utilizado o conectivo como sem função alguma no contexto em que está inserido e isto apenas aumentou o nível informal da linguagem utilizada. O estudante necessita reconhecer que um texto acadêmico é mais exigente que um texto qualquer produzido no dia a dia. A escolha dos verbos também pode melhorar a qualidade do texto. Nesse caso, estimular é bem melhor que provocar.	Piaget considera que a aprendizagem é estimulada por situações...
<i>A teoria da aprendizagem. Formulada na teoria da psicogenética não e, toda a teoria da psicogenética, esta e, mas vasta e implica uma tradição de investigação.</i>	A frase está sem nexo e tudo isso se deve à falta de conectivos adequados e uma pontuação clara e compreensiva. Coesão e pontuação têm um papel fundamental no processo de composição textual. Os estudantes precisam escrever valorizando o sentido daquilo que escrevem. A frase ficou analógica e para um texto científico, isso é algo preocupante. É preciso escrever, ler e reler, sem desconsiderar o contexto e o sentido adequado dado a este. No trecho há também algo preocupante: a não diferenciação entre o mas e o mais .	Quando se estuda a psicogenética observa-se que esta é mais vasta e exige maior investigação ao estudar a teoria da aprendizagem.

EXEMPLOS DE DIFICULDADES RELACIONADAS À FALTA DE CONCORDÂNCIA	POR QUE OCORREM	COMO MELHORAR
<p>As prioridades da educação é o desenvolvimento pleno do aluno.</p>	<p>A falta de atenção pode ter sido maior que a falta de conhecimento, pois o que ocorreu foi uma discordância em relação à número, no caso, singular. A regra geral da concordância pede: sujeito no singular, verbo no singular, sujeito no plural, verbo no plural. Esta inadequação de termos tem ocorrido bastante nos textos acadêmicos.</p>	<p>As prioridades da educação são o desenvolvimento pleno do aluno, ...</p>
<p>A análise dos textos dos jovens...</p>	<p>Este caso é também de falta de concordância, porém a nominal, pois a regra geral diz: o substantivo concordância com aqueles a que fizer referência e isto não foi observado por quem escreveu. Os jovens escrevem textos, então teremos os textos dos jovens e não dos jovem.</p>	<p>A análise dos textos dos jovens...</p>
EXEMPLOS DE DIFICULDADES RELACIONADAS À FALTA DE REGÊNCIA – O QUE GEROU	POR QUE OCORREM	COMO MELHORAR

INCOERÊNCIA		
...um estudo que visa analisar...	Ocorreu por falta do conhecimento das regras que diferenciam o sentido do verbo. Quem visa no sentido de almejar, desejar, pretender, visa a alguma coisa. Neste caso, o verbo visar exige a preposição a e quando ela não aparece (no caso do exemplo) fica no sentido de mirar ou dar visto. Por isso, da forma como está, o texto pode ser considerado incoerente. Nota-se assim, que algumas regras são imprescindíveis para a qualidade textual.	...um estudo que visa a analisar...
Ao assistirmos o filme "...”...	Mais um caso para a regência resolver. Quem assiste no sentido de ver, assiste a alguma coisa. Exige-se a preposição a , do contrário adquirirá o sentido de prestar assistência, ajudar.	Ao assistirmos ao filme "...”...

Além de todos os itens já comentados, nota-se, com frequência, grande **falta de argumentação** na exposição das ideias.

Não haver argumentos necessários na defesa de um assunto significa a ausência de leitura. Afinal, como alguém pode defender uma ideia da qual não compreende o significado, não distingue se é boa ou ruim, possui ou não fundamento, em que está respaldada? Mattoso (2005, p.56) nos permite pensar sobre essa questão ao afirmar que: “A linguagem escrita se apresenta “mutilada” em confronto com a linguagem oral” e se os nossos estudantes já têm dificuldade na oralidade, indubitavelmente, terão problemas na língua escrita. Esta precisa ser melhor trabalhada.

O texto precisa atingir uma eficácia, mas para que isso aconteça é necessário que o aluno tenha habilidade,

a fim de atingir seu objetivo na comunicação. Texto que não atinge um objetivo, torna-se ineficaz e nenhum acadêmico deseja concluir sua graduação sem esta eficácia. Por isso, é necessário adaptar a linguagem ao nível de escolaridade dos acadêmicos, precisa-se exigir uma linguagem coerente e de acordo com o nível em que este se encontra. É preciso apresentar uma linguagem clara e convincente e isso ele só irá conseguir com um bom discurso acadêmico. Além disso, é necessário conhecer os gêneros encontrados na academia.

Diante do exposto, pode-se inferir que na escrita, a preocupação do usuário da língua precisa ser redobrada, pois o interlocutor está ausente. Não há gestos, atitudes peculiares, timbre de voz etc. Portanto, para que se consiga a clareza na exposição escrita, faz-se necessário levar em consideração todos os elementos estudados, só assim, nossos acadêmicos produzirão um texto com qualidade e segurança. Pode-se inferir que fica aqui nítida a importância da reflexão na prática do ensino e da aprendizagem da construção de textos. Sabe-se que não é válido apenas conhecer regras, mas é necessário também aplicá-las no momento adequado para que não haja interferência de sentido.

Os textos que recebemos na academia, ao longo do tempo, têm mostrado que, entre acadêmicos, as dúvidas são muitas e a melhor solução está na leitura diária e responsável. Este é um trabalho que servirá também para que os educadores dos Ensinos Médio e Fundamental (Língua Portuguesa, principalmente) deem mais importância a determinados assuntos da área, para que seus alunos não “sofram” tanto quando chegarem à Academia.

Em última análise, pode-se dizer que foi necessário perpassar pela evolução histórica da escrita, a importância da escrita hoje, a fim de se obter algumas respostas sobre como se está construindo textos no Ensino Superior na atualidade. Além disso, vimos os desafios que precisamos enfrentar, os quais são muitos e é somente valorizando o vasto conhecimento de mundo que o aluno traz, convencendo este a ampliar seu vocabulário, colocar a

leitura em primeiro lugar e praticar a escrita sem inibição, que poderemos formar bons leitores e escritores.

Precisamos deixar nossos alunos mostrarem o potencial que possuem, assim, eles terão maturidade intelectual e poderão desenvolver as atividades que os tornem sujeitos da própria aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL, INEP. **Resultados ENEM 2018**. Retirado de <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2018/presskit/presskit_enem-resultados2018.pdf>. Acesso em 09 de agosto de 2019.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2007.

CAMARA, Junior Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. Petrópolis: Vozes, 2005

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. **Prática de Textos para Estudantes Universitários**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GREENBERG, Robert. **Language and Identity in the Balkans: Serbo-Croatian and Its Disintegration**. Oxford: University Press Inc, 2008.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 6 ed. São Paulo: 1991.

POSSENTI, Sírio. **Língua na mídia**. São Paulo: Parábola Editora, 2009.